

QUINTA-FEIRA • 11 DE FEVEREIRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30944
de 11 de Fevereiro de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

MENSAGEM

P A P A F R A N C I S C O

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA NO CAMINHO JUBILAR

— P. 4-5 —



HAVANA, POR GRAÇA DE DEUS, CAPITAL DO ECUMENISMO

PABLO LIMA

PADRE

Enquanto se falava nos corredores que o encontro do Papa Francisco com o Patriarca Cirilo poderia ter lugar em Genebra ou em Viena (dois territórios “neutros”), na viagem de

uma brevíssima escala a caminho do México. As relações entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa Russa (com 300 milhões de fiéis, é o patriarcado ortodoxo mais forte e influente) são muito delicadas. O *dossier* dos greco-católicos ou “uniatas”, sobretudo na Ucrânia, e do “proselitismo” católico em terras da ex-URSS tem sido a razão oficial da parte russa para opôr-se a um

Alexis II do ícone da Madre de Deus de Kazan (retirado durante a perseguição soviética e conservado durante muitos anos no santuário de Fátima). Mas tudo foi em vão. Desde a sua eleição, Francisco tem realizado esforços para encontrar o patriarca e é conhecida a sua afirmação aos jornalistas no regresso da Turquia: “Eu disse-lhe: «Vou aonde quiseres. Chamas-me e eu vou!» E ele tem o mesmo desejo”. Mas os dramáticos eventos da ocupação dos territórios da Ucrânia pelo exército russo e as diferentes posições tomadas pelas Igrejas no território congelaram o processo. E, para dizer a verdade, não é de somenos importância a “indiferença” diplomática com que Roma recebeu a notícia da nomeação de um bispo ortodoxo russo (sem a criação de uma diocese) para o território italiano cuja igreja catedral é a menos de 500 metros da praça de S. Pedro... Em todo caso, apesar das tensões e graças a Deus, dá-se o primeiro passo concreto.

A escolha do lugar (um aeroporto, não uma igreja) e a agenda temática revelada (a perseguição aos cristãos e o testemunho do evangelho no mundo contemporâneo) permitem perceber que o clima ainda é muito delicado. Sobretudo no interior da ortodoxia. Enquanto as respectivas conferências de imprensa em Roma e Moscovo convidavam “os fiéis a orar com fervor para que Deus

abençoe este encontro para que seja frutuoso”, o metropolita Hilarion de Volokolamsk, porta-voz do patriarca Cirilo, teve de esclarecer que “o papa de Roma e o patriarca Cirilo não farão nenhuma oração em conjunto”. De facto, para as esferas mais tradicionais da ortodoxia, não é possível rezar em conjunto com um herege que reza o credo acrescentando o *Filioque*.

Deste modo, o encontro do Papa Francisco e do Patriarca Cirilo possui uma eloquência eclesial muito relevante, é um discurso *ad intra* e *ad extra*. Sanciona a colaboração, a amizade e a vida cristã partilhada por tantos cristãos católicos e ortodoxos em todo o mundo; incentiva a comunhão de vida de tantos cristãos russos e portugueses que partilham os espaços para celebrar a liturgia, a catequese, a oração, os bens materiais e espirituais. Ao mundo e aos agentes políticos (e até aos extremistas do ISIS), lançam uma mensagem de unidade que não pode ser ignorada. Não, o encontro não tem nenhum interesse político. E é, precisamente por isso, porque genuinamente evangélico, que tem tanta relevância política. E, assim, por graça de Deus, Havana, ainda hoje capital do comunismo na América Latina, torna-se, durante algumas horas, capital mundial do ecumenismo.



ida ou regresso da JMJ-Cracóvia, eis que chega a surpreendente notícia do encontro a realizar-se na Sexta-feira 12 de Fevereiro, no aeroporto da Havana. O patriarca Cirilo estará lá em visita pastoral, o Papa fará

encontro dos respectivos chefes das Igrejas. Já nos longínquos anos 1996-1997 foi previsto um encontro em Áustria e, posteriormente, em 2004, a esperança foi reavivada pela oferta do Papa João Paulo II ao patriarca



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

08 Fevereiro 2016

Entrar pela Porta Santa significa descobrir a profundidade da misericórdia do Pai, que procura pessoalmente a cada um.

04 Fevereiro 2016

Deus quer habitar no meio do seus filhos. Deixemos espaço para Ele no nosso coração.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

05 Fevereiro 2016

“Se alguém oferecesse toda a riqueza da sua casa em troca do amor, seria desprezado” (Cant. 8, 7).



BISPOS BRASILEIROS ALERTAM PARA COMBATE AO ZIKA

A Conferência Episcopal Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou uma mensagem com um apelo para que a Igreja brasileira “continue e intensifique” a mobilização no combate ao vírus zika. “Exortamos as lideranças das nossas comunidades eclesiais a organizarem acções e a juntarem-se às iniciativas que visem colocar fim a esta situação”, refere a CNBB. Na mensagem é ainda feito um pedido para que nas celebrações, reuniões e encontros sejam dadas orientações às pessoas por forma a informá-las sobre o combate à doença.



PARLAMENTO EUROPEU ACUSA DAESH DE GENOCÍDIO

O Parlamento Europeu classificou como “genocídio” as “atrocidades” cometidas pelo auto-proclamado Estado Islâmico contra minorias religiosas, como os cristãos ou os yazidis, na Síria e no Iraque. A “resolução” indica que todos aqueles que pratiquem atrocidades semelhantes por razões étnicas ou religiosas deverão ser levados à justiça, pois cometeram crimes contra a humanidade. Esta decisão trata-se, de acordo com o eurodeputado Lars Adaktusson, de uma “decisão histórica”.



LOCAL DE BAPTISMO DE JESUS É PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

O local de baptismo de Jesus, no Rio Jordão, foi declarado Património da Humanidade pela UNESCO. O Arcebispo Maroun Lahham, Vigário Patriarcal para a Jordânia do Patriarcado Latino de Jerusalém, presente na cerimónia, definiu o local como “um lugar onde ainda ecoa a voz de Cristo”. O prelado frisou que embora a Terra Santa compreenda sobretudo Jerusalém, Belém e Nazaré, isso não torna a Jordânia “menos santa”. “A partir desta tarde, nós podemos declarar em voz alta que a Jordânia é Terra Santa”, reforçou.

“CALVÁRIO”, UMA PÉROLA IRLANDESA CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA



MIGUEL MIRANDA

PADRE

Se em “Estações da Cruz”, revisto no mês passado, o ritmo do argumento era proposto pelas estações da Via Sacra, em “Calvário” – de que então prometêramos falar – está na directa dependência do *deadline* (literalmente!) concedido pelo penitente ao seu confessor – brilhante *performance* de Brendan Gleeson. Leia-se: prazo de vida – uma semana. De Domingo a Domingo. Porque há uma “morte matada” anunciada logo na primeira sequência, apenas com a grade do confessor a separar o “cadáver adiado” do confessor do proposto homicida. Obra maior de um quase desconhecido John Michael McDonagh



(antes deste filme só se lhe conhece “Ned Kelly” de 2003 – como argumentista - e “O Guarda” de 2011, embora o IMDb dê já conta de uma produção deste ano, “War on everyone”), “Calvário” passa-se na Irlanda, com o fantasma dos clérigos pedófilos a rondar por perto. Leia-se: a rugir por dentro. Nessa tal primeira cena, em diálogo de confessorário – diálogo que terá trágico epílogo/confirmação no final -, o penitente “acusa-se” de ter sido, quando criança, vítima de abuso sexual, durante alguns anos, da parte de um sacerdote. – “Já procuraste ajuda profissional para tentar enfrentar e aprender a viver com essa ferida?”; – “Para quê? Talvez eu não queira”; – “Participaste do agressor?”; – “Já morreu. E de que adiantaria se estivesse vivo?”. O penitente repele todas as aproximações. Até que passa à ameaça, já quase adivinhada: “De nada valeria matar um mau padre. Agora, um bom... Vou matá-lo porque nada fez de errado,

porque é inocente. Dou-lhe uma semana, até ao próximo Domingo, para pôr a casa em ordem”. Assim, logo a seco, se explica o brevíssimo título do filme. Logo a seguir ouvem-se os acordes: “*On the beach, down by the water*”. A praia onde o Padre James (Tiago) gosta de passear com a filha, Fiona (ele que fora casado até enviuvar e se decidir pela batina e cabeção que nunca larga); a praia onde o homicida cumprirá o prometido, diante do olhar horrorizado do acólito-pintor do Padre James. O mar ali ao lado. Mar que tudo leva, símbolo bíblico do mal e da morte. Bem procura o Bispo que, de alguma forma, o padre tente salvar a vida, até porque nada foi propriamente confessado, nenhum acto foi ainda cometido, apenas projectado. Mas James renuncia. Ele, que até conhece o sujeito por “convivência de bar”, assume o seu calvário perante o sem-sentido do mal. A terra é uma parvónia perdida no interior costeiro da Irlanda. A população é rude, digamos que na melhor das hipóteses se limita a tolerar a presença do pastor. Alguns indígenas apresentam preocupantes sinais de psicopatia. É evidente a hostilidade para com um sacerdote a contas com um passado (crê-se que recente) de alcoolismo. Rixas de bar, a igreja queimada, o simpático labrador envenenado – destas duas últimas é directamente responsável o penitente-homicida, que também agride a mulher dia-sim-dia-sim, sem que esta tenha já forças para reagir. Neste ponto da hostilidade dirigida a alguém que de certa forma vem de fora, “Calvário” faz lembrar um pouco os tormentos a que se vê exposto o Lucas de “A caça”, de Thomas Vinterberg (de que já nestas sacras páginas falámos). Agora que acaba de estrear nos cinemas “O caso spotlight” – à volta da investigação jornalística sobre o escândalo dos abusos sexuais de que inúmeras crianças foram vítimas, da parte de membros do clero de Boston, nos EUA – não se compreende como é que “Calvário” foi ignorado quer por exibidores, quer pelas editoras videográficas. Porque nos parece bem melhor, ao sugerir mais do que ao mostrar, ao apresentar o outro lado – o risco das generalizações abusivas – sem deixar de tocar nas terríveis consequências dos actos e de uma realidade que mancha a Igreja e, em palavras bíblicas, nos cobre de opróbrio; ao confrontar duas sensibilidades diferentes quanto à vida sacerdotal (sim, há um padre “novo”); e ainda tem abundante colecção de ditos espirituosos, na boca do Padre James. Mas sobretudo porque toca nesse assunto sensível que é a inviolabilidade do segredo de Confissão e suas eventuais excepções.

MENSAGEM PARA A QUARESMA

DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS EM CONVERSÃO DE CORAÇÃO



D. JORGE ORTIGA

ARCEBISPO PRIMAZ

Não é fácil sintetizar, num contexto multicultural como aquele em que vivemos, o que caracteriza a vida das pessoas. Creio não fugir à verdade ao afirmar que se impôs uma sede de autonomia, agravada por mecanismos de arrogância de personalidade. Negligenciamos, infelizmente, qualquer apelo à interioridade e a reconhecer, com humildade, a necessidade de mudar de rumo. Na linguagem cristã, este movimento interior é sinónimo de conversão. Um caminho que visa o reconhecimento do pecado e o desejo de avançar por caminhos diferentes. Neste percurso não estamos sós. Ao nosso lado estão amigos, sacerdotes e mestres espirituais com quem podemos dialogar e pedir orientação. Gostaria, por isso, de sugerir uma acção que caracteriza a fisionomia do discípulo missionário: conversão da vida pessoal e pastoral ou, como diz o itinerário preparado para a Arquidiocese, ser discípulos missionários em conversão de coração. Estes arautos da Boa Nova somos todos nós, sacerdotes e leigos. Temos de regressar a Cristo. É Ele quem dá um sentido genuíno e livre à nossa vida. Liberdade interior é diferente de autonomia. Enquanto a primeira resulta da entrega a Cristo e ao amor fraterno, a segunda procura o bem próprio. “Só desde que Te dei a minha alma, Senhor, Ela é verdadeiramente minha”, rezamos no Ofício de Leitura de Sexta-feira. É crucial deixar-se seduzir por Cristo, o Deus vivo que incarnou para ficar connosco nas vinte e quatro horas do nosso dia. E depois, com Ele e como Ele, calcorreamos o mundo com olhos de verdadeira fraternidade, isto é, sendo capazes de

escutar os sofrimentos das pessoas. Quantos gritos de dor! O silêncio dos inocentes deve questionar-nos até ao mais profundo do nosso ser. E nós, quantas omissões, acções incoerentes e palavras despropositadas que ofendem! Quanta passividade perante os males! Estaremos áfonos? A conversão deve também comprometer-nos com a comunidade cristã. Estou certo que, com o nosso contributo, ela poderá tornar-se missionária e ganhar coragem para romper com esquemas de morte. Já o Papa Paulo VI dizia que “vivemos a hora de a Igreja aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu mistério [...]. Desta nossa consciência esclarecida e activa nasce o desejo espontâneo de comparar a imagem ideal da Igreja, qual Cristo a viu, quis e amou como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5,27), de a comparar, dizemos, com o rosto que ela apresenta hoje. (...) Daqui vem à Igreja a necessidade nobre e quase impaciente de se renovar, isto é, emendar os defeitos, que aquela reflexão, como exame interior feito diante do modelo, que nos deixou Cristo de si mesmo, descobre e repele” (*Ecclesiam Suam*, 3-4). O Papa Francisco, consciente desta necessidade, pede a todas as comunidades que se esforcem por usar os meios necessários para avançarem no caminho de uma “conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão.” (*Evangelii Gaudium*, 25). Peço a todas as comunidades que acolham a Caminhada Quaresmal preparada pela Comissão Arquidiocesana para a Pastoral Litúrgica e Sacramentos. “Dai-nos um coração puro” repleto da Misericórdia de Deus, aberto à conversão e comprometido com a Igreja e com o bem da sociedade. Recordemos, também, que a misericórdia se expressa na partilha de bens materiais, como consequência de renúncias concretas ao supérfluo ou desnecessário. Continuaremos, perante os inúmeros pedidos de ajuda, a destinar a renúncia quaresmal para o nosso Fundo “Partilhar com Esperança” e, numa manifestação da consciência missionária, apoiaremos as diversas iniciativas para concretizar o protocolo de cooperação com a diocese de Pemba, Moçambique. Onde nos conduzirá este processo de conversão pessoal e pastoral? A Quaresma é tempo propício para reflectir e ouvir o Espírito Santo. Só assim a comunidade cristã será capaz de resplandecer a verdadeira fisionomia do discípulo e de projectar o seu futuro. Não foram as amarras ao passado, a tibieza das adaptações ou a preguiça espiritual e pastoral que fizeram os grandes santos. Deixemos, por isso, que a Misericórdia divina entre em nós e que seja ela a conduzir as nossas vidas.

1 MARIA, ÍCONE DE UMA IGREJA QUE EVANGELIZA PORQUE EVANGELIZADA

Na Bula de proclamação do Jubileu, fiz o convite para que “a Quaresma deste Ano Jubilar seja vivida mais intensamente como tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus” (*Misericordiae Vultus*, 17). Com o apelo à escuta da Palavra de Deus e à iniciativa “24 horas para o Senhor”, quis sublinhar a primazia da escuta orante da Palavra, especialmente a palavra profética. Com efeito, a misericórdia de Deus é um anúncio ao mundo; mas cada cristão é chamado a fazer pessoalmente experiência de tal anúncio. Por isso, no tempo da Quaresma, enviarei os Missionários da Misericórdia a fim de serem, para todos, um sinal concreto da proximidade e do perdão de Deus.

Maria, por ter acolhido a Boa Notícia que Lhe fora dada pelo arcanjo Gabriel, canta profeticamente, no *Magnificat*, a misericórdia com que Deus A predestinou. Deste modo a Virgem de Nazaré, prometida esposa de José, torna-se o ícone perfeito da Igreja que evangeliza porque foi e continua a ser evangelizada por obra do Espírito Santo, que fecundou o seu ventre virginal. Com efeito, na tradição profética, a misericórdia aparece estreitamente ligada – mesmo etimologicamente – com as vísceras maternas (*rahamim*) e com uma bondade generosa, fiel e compassiva (*hesed*) que se vive no âmbito das relações conjugais e parentais.

2 A ALIANÇA DE DEUS COM OS HOMENS: UMA HISTÓRIA DE MISERICÓRDIA

O mistério da misericórdia divina desvenda-se no decurso da história da aliança entre Deus e o seu povo Israel. Na realidade, Deus mostra-Se sempre rico de misericórdia, pronto em qualquer circunstância a derramar sobre o seu povo uma ternura e uma compaixão viscerais, sobretudo nos momentos mais dramáticos quando a infidelidade quebra o vínculo do Pacto e se requer que a aliança seja ratificada de maneira mais estável na justiça e na verdade. Encontramo-nos aqui perante um verdadeiro e próprio drama de amor, no qual Deus desempenha o papel de pai e marido traído, enquanto Israel desempenha o de filho/filha e esposa infiéis. São precisamente as imagens familiares – como no caso de Oseias (cf. *Os* 1-2) – que melhor exprimem até que ponto Deus quer ligar-Se ao seu povo.

Este drama de amor alcança o seu ápice no Filho feito homem. N’Ele, Deus derrama a sua misericórdia sem limites

até ao ponto de fazer d’Ele a Misericórdia encarnada (cf. *Misericordiae Vultus*, 8). Na realidade, Jesus de Nazaré enquanto homem é, para todos os efeitos, filho de Israel. E é-o ao ponto de encarnar aquela escuta perfeita de Deus que se exige a cada judeu pelo *Shemà*, fulcro ainda hoje da aliança de Deus com Israel: “Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6, 4-5). O Filho de Deus é o Esposo que tudo faz para ganhar o amor da sua Esposa, à qual O liga o seu amor incondicional que se torna visível nas núpcias eternas com ela. Este é o coração pulsante do querigma apostólico, no qual ocupa um lugar central e fundamental a misericórdia divina. Nele sobressai “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (*Evangelii gaudium*, 36), aquele primeiro anúncio que “sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou doutra, durante a catequese” (*Ibid.*, 164). Então a Misericórdia “exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar” (*Misericordiae Vultus*, 21), restabelecendo precisamente assim a relação com Ele. E, em Jesus crucificado, Deus chega ao ponto de querer alcançar o pecador no seu afastamento mais extremo, precisamente lá onde ele se perdeu e afastou d’Ele. E faz isto na esperança de assim poder finalmente comover o coração endurecido da sua Esposa.

3 AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

A misericórdia de Deus transforma o coração do homem e faz-lhe experimentar um amor fiel, tornando-o assim, por sua vez, capaz de misericórdia. É um milagre sempre novo que a misericórdia divina possa irradiar-se na vida de cada um de nós, estimulando-nos ao amor do próximo e animando aquilo que a tradição da Igreja chama as obras de misericórdia corporal e espiritual. Estas recordam-

M E N S A G E M P A R A A Q U A R E

“PREFIRO A MISERICÓRDIA

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA

NO CALVARIO DO JUBILEU

-nos que a nossa fé se traduz em actos concretos e quotidianos, destinados a ajudar o nosso próximo no corpo e no espírito e sobre os quais havemos de ser julgados: alimentá-lo, visitá-lo, confortá-lo, educá-lo. Por isso, expressei o desejo de que “o povo cristão reflecta, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina” (*Ibid.*, 15). Realmente, no pobre, a carne de Cristo “torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado

S M A D O P A P A F R A N C I S C O

AO SACRIFÍCIO” (MT 9, 13)”

AS DE CÓRDIA

MINHO LAR

como tal. Pensa que é rico, mas na realidade é o mais pobre dos pobres. E isto porque é escravo do pecado, que o leva a utilizar riqueza e poder, não para servir a Deus e aos outros, mas para sufocar em si mesmo a consciência profunda de ser, ele também, nada mais que um pobre mendigo. E quanto maior for o poder e a riqueza à sua disposição, tanto maior pode tornar-se esta cegueira mentirosa. Chega ao ponto de não querer ver sequer o pobre Lázaro que mendiga à porta da sua casa (cf. *Lc 16, 20-21*), sendo este figura de Cristo que, nos pobres, mendiga a nossa conversão. Lázaro é a possibilidade de conversão que Deus nos oferece e talvez não vejamos. E esta cegueira está acompanhada por um soberbo delírio de onipotência, no qual ressoa sinistramente aquele demoníaco “sereis como Deus” (*Gn 3, 5*) que é a raiz de qualquer pecado.

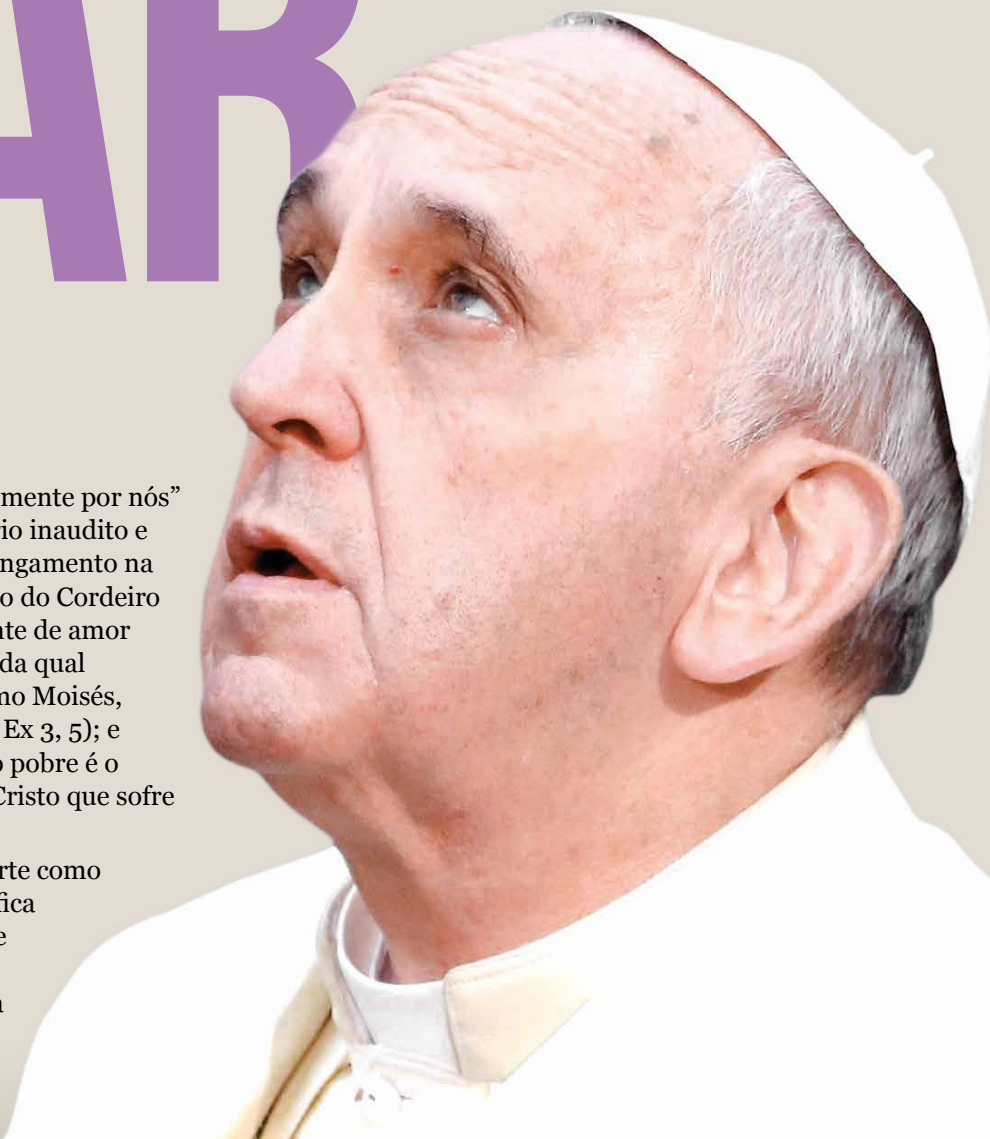
e assistido cuidadosamente por nós” (Ibid., 15). É o mistério inaudito e escandaloso do prolongamento na história do sofrimento do Cordeiro Inocente, sarça ardente de amor gratuito na presença da qual podemos apenas, como Moisés, tirar as sandálias (cf. *Ex 3, 5*); e mais ainda, quando o pobre é o irmão ou a irmã em Cristo que sofre por causa da sua fé.

Diante deste amor forte como a morte (cf. *Ct 8, 6*), fica patente como o pobre mais miserável seja aquele que não aceita reconhecer-se

Tal delírio pode assumir também formas sociais e políticas, como mostraram os totalitarismos do século XX e mostram hoje as ideologias do pensamento único e da tecnociência que pretendem tornar Deus irrelevante e reduzir o homem a massa possível de instrumentalizar. E podem actualmente mostrá-lo também as estruturas de pecado ligadas a um modelo de falso desenvolvimento fundado na idolatria do dinheiro, que torna indiferentes ao destino dos pobres as pessoas e as sociedades mais ricas, que lhes fecham as portas recusando-se até mesmo a vê-los.

Portanto a Quaresma deste Ano Jubilar é um tempo favorável para todos poderem, finalmente, sair da própria alienação existencial, graças à escuta da Palavra e às obras de misericórdia. Se, por meio das obras corporais, tocamos a carne de Cristo nos irmãos e irmãs necessitados de ser nutridos, vestidos, alojados, visitados, as obras espirituais tocam mais directamente o nosso ser de pecadores: aconselhar, ensinar, perdoar, admoestar, rezar. Por isso, as obras corporais e as espirituais nunca devem ser separadas. Com efeito, é precisamente tocando, no miserável, a carne de Jesus crucificado que o pecador pode receber, em dom, a consciência de ser ele próprio um pobre mendigo. Por esta estrada, também os “soberbos”, os “poderosos” e os “ricos”, de que fala o *Magnificat*, têm a possibilidade de aperceber-se que são, imerecidamente, amados pelo Crucificado, morto e ressuscitado também por eles. Somente neste amor temos a resposta àquela sede de felicidade e amor infinitos que o homem se ilude de poder colmar mediante os ídolos do saber, do poder e do possuir. Mas permanece sempre o perigo de que os soberbos, os ricos e os poderosos – por causa de um fechamento cada vez mais hermético a Cristo, que, no pobre, continua a bater à porta do seu coração – acabem por se condenar precipitando-se eles mesmos naquele abismo eterno de solidão que é o inferno. Por isso, eis que ressoam de novo para eles, como para todos nós, as palavras veementes de Abraão: “Têm Moisés e o Profetas; que os oiçam!” (*Lc 16, 29*). Esta escuta activa preparar-nos-á da melhor maneira para festejar a vitória definitiva sobre o pecado e a morte conquistada pelo Esposo já ressuscitado, que deseja purificar a sua prometida Esposa, na expectativa da sua vinda. Não percamos este tempo de Quaresma favorável à conversão! Pedimo-lo pela intercessão materna da Virgem Maria, a primeira que, diante da grandeza da misericórdia divina que Lhe foi concedida gratuitamente, reconheceu a sua pequenez (cf. *Lc 1, 48*), confessando-Se a humilde serva do Senhor (cf. *Lc 1, 38*).

Vaticano, 4 de Outubro de 2015
Festa de S. Francisco de Assis



“ENQUANTO ORAVA, ALTEROU-SE O ASPECTO DO SEU ROSTO”

II DOMINGO
QUARESMA



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Deus, vinde em meu auxílio*, F. Silva (NCT 87)
- **APRESENTAÇÃO DOS DONS:** *Jesus tomou consigo*, C. Silva (Orar Cantando, p. 145)
- **COMUNHÃO:** *Este é o Meu Filho muito amado*, M. Carneiro (Ressuscitou o Bom Pastor, ed. Paulus, pp. 24-27)
- **FINAL:** *Ó cruz vitoriosa*, F. Silva (IC, p. 232 / NRMS 29)

EUCOLOGIA

Orações e prefácio próprios do Domingo II da Quaresma (*Missal Romano*, p. 182-183).
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529-535).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Gen 15, 5-12.17-18

Leitura do Livro do Gênesis

Naqueles dias, Deus levou Abrão para fora de casa e disse-lhe: “Olha para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar”. E acrescentou: “Assim será a tua descendência”. Abraão acreditou no Senhor, o que lhe foi atribuído como justiça. Disse-lhe Deus: “Eu sou o Senhor que te mandou sair de Ur dos caldeus, para te dar a posse desta terra”. Abraão perguntou: “Senhor, meu Deus, como saberei que a vou possuir?”. O Senhor respondeu-lhe: “Toma uma vitela de três anos, uma cabra de três anos e um carneiro de três anos, uma rola e um pombinho”. Abraão foi buscar todos esses animais, cortou-os ao meio e pôs cada metade em frente da outra metade; mas não cortou as aves. Os abutres desceram sobre os cadáveres, mas Abraão pô-los em fuga. Ao pôr do sol, apoderou-se de Abraão um sono profundo, enquanto o assaltava um grande e escuro terror. Quando o sol desapareceu e caíram as trevas, um brasido fumegante e um archote de fogo passaram entre os animais cortados. Nesse dia,

o Senhor estabeleceu com Abraão uma aliança, dizendo: “Aos teus descendentes darei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 26 (27)

Refrão: O Senhor é a minha luz e a minha salvação.

LEITURA II Filip 3, 20 – 4, 1

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos: A nossa pátria está nos Céus, donde esperamos, como Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo miserável, para o tornar semelhante ao seu corpo glorioso, pelo poder que Ele tem de sujeitar a Si todo o universo. Portanto, meus amados e queridos irmãos, minha alegria e minha coroa, permaneçam firmes no Senhor.

EVANGELHO Lc 9, 28b-36

Evangelho de Nosso Senhor

Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte, para orar. Enquanto orava, alterou-se o aspecto do seu rosto e as suas vestes ficaram de uma brancura refulgente. Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias, que, tendo aparecido em glória, falavam da morte de Jesus, que ia consumir-se em Jerusalém. Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. Quando estes se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Não sabia o que estava a dizer. Enquanto assim falava, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem. Da nuvem saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”. Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.

ANOC — 2016

SEGUNDO DOMINGO DA QUARESMA

O SENHOR ESTABELECEU COM ABRAÃO UM ALIANÇA

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO
DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Conversão.

CARACTERÍSTICA

Deixar-se iluminar por Deus.

CONCRETIZAÇÃO: A luz de Deus envolve-nos e ilumina-nos, fazendo-nos sentir a experiência da proximidade de Deus, que nos chama à conversão. Reconhecendo o nosso pecado à luz do olhar misericordioso de Deus, retiraremos de cima do coração, neste Domingo, o pano sujo com nódoas.

MISSÃO

Deus Pai convidou-nos para parar neste alto monte que é a casa da Igreja. Aqui escutámos a palavra de Seu amado Filho e partilhamos o pão que nos faz viver. Mas não podemos ficar aqui, temos de partir. Começa a nossa missão. Fortalecidos por esta Eucaristia procuremos transfigurar o nosso mundo, pedindo a luz de Deus, no início de cada dia, para nós e para uma pessoa concreta, que sentimos negar-se a ver segundo os critérios de Deus.

REFLEXÃO

A Quaresma é o tempo da Aliança: Deus revela-se e convida-nos a participar na sua vida; Deus revela-se a Abraão, nosso pai na fé, conclui com ele uma Aliança (primeira leitura). Protecção, esperança, luz, salvação (salmo), Deus dá-se a quem o procura. E Paulo assegura-nos que a fé no Deus de Jesus Cristo abre para nós as portas da felicidade celeste (segunda leitura). Não é essa a experiência vivida por Pedro, Tiago e João, na montanha da Transfiguração (evangelho)? Experiência à qual também nós somos convidados em cada eucaristia, pois nela vamos ao encontro do Senhor para acolher a Palavra de luz e de vida.

“O Senhor estabeleceu com Abraão uma aliança”

Deus chama Abraão a pôr-se a caminho. O chamamento não é a uma mera migração de povos, mas a uma nova vida com a finalidade de oferecer a toda a Humanidade a experiência de renovação e libertação do pecado (depois do *fratricídio* na morte de Abel, depois da arrogância humana na construção da torre de Babel...). O livro do Génesis possui uma riqueza ímpar em referências simbólicas. A sua intenção é, sobretudo, dar a conhecer uma “história da salvação” para toda a Humanidade. O fragmento proposto para primeira leitura do segundo Domingo da Quaresma (Ano C) situa-nos na promessa feita a Abraão: uma descendência e uma terra. O plano divino propõe que Abraão e Sara formem uma grande família e sejam uma “fonte de bênçãos” para toda a terra. Abraão é ancião, como será pai de uma grande descendência? Abraão é um

pastor itinerante, como será dono de uma grande porção de terra? A resposta de Deus é clara: “Olha para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar. [...] Assim será a tua descendência”. Depois, o texto descreve um episódio insólito: Deus manda a Abraão que sacrifique uns animais e “um brasido fumegante e um archote de fogo passaram entre os animais cortados”. Nos pactos de aliança do mundo antigo era a parte mais débil — a que se submetia ao poderoso — que tinha de passar entre os animais. Mas, neste caso, é o próprio Deus (através das imagens de “um brasido fumegante e um archote de fogo”) quem se compromete pessoalmente com Abraão: “O Senhor estabeleceu com Abraão um aliança”. No Domingo passado (primeiro da Quaresma), a chave de interpretação da primeira leitura era a “terra” que Deus deu ao seu povo, depois de ter passado pelas experiências da escravidão no Egipto e da travessia pelo deserto. Agora, a chave hermenêutica é a “aliança” feita com Abraão. O Deus bíblico revela-se como um Deus da história e da salvação (primeiro Domingo) e como um Deus da aliança (segundo Domingo). O hebraico serve-se do termo “berit” para expressar a relação única, exclusiva e gratuita de Deus com Israel: única, porque não é comparável a outras experiências religiosas; exclusiva, porque não é feita com outros povos; gratuita, porque a iniciativa é de Deus. A aliança iniciada com Abraão cumpre-se plenamente em Jesus Cristo. Com ele, Deus estabelece connosco uma Nova e Eterna Aliança: “É o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Na saudação inicial pode usar-se esta fórmula:

“A misericórdia do Pai, a paz de Jesus Cristo, nosso Senhor, e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco”.

Preparação Penitencial

(Durante este momento, retira-se de cima do coração o pano sujo com nódoas).

V/ Senhor, Palavra do Pai, enviado a todos os povos.

R/ Senhor, misericórdia.

V/ Cristo, Luz do Pai, enviado para iluminar quem O procura.

R/ Cristo, misericórdia.

V/ Senhor, perdão do Pai, enviado aos pecadores.

R/ Senhor, misericórdia.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos:

Iluminados pela transfiguração de Jesus, façamos subir até ao Pai as nossas súplicas pela Igreja, pelo mundo e por nós próprios, dizendo, com humildade:

R. Deus Pai, mostrai-nos o vosso rosto.

1. Pelas Igrejas do Oriente e do Ocidente: tenham confiança em Vós, como Abraão, e sejam uma presença luminosa da Vossa misericórdia. Nós Vos pedimos.

2. Pelo nosso Bispo Jorge e seus auxiliares, os presbíteros e os diáconos: como os Apóstolos que viram Jesus transfigurado, escutem a Palavra, que os convida à conversão. Nós Vos pedimos.

3. Pelos cristãos que procuram o Vosso rosto na vida activa, na caridade e na oração: tenham a coragem de anunciar Cristo, luz do mundo. Nós Vos pedimos.

4. Pelas pessoas que têm medo do sofrimento, da doença e da morte: descubram que Cristo é salvação e vida em abundância. Nós Vos pedimos.

5. Pelos membros desta assembleia: saibamos estar ao lado dos mais necessitados, para os ouvir em silêncio e lhes dar as mãos. Nós Vos pedimos.

Deus, nosso Pai, que, no monte da transfiguração, nos mandastes escutar o vosso Filho, dignai-Vos ouvir as nossas súplicas e conceder-nos os bens que Vos pedimos. Por Cristo, nosso Senhor.

ADMONIÇÃO FINAL

É esta a essência da conversão: reconhecer a proximidade de Deus através de Jesus. Ele chama-nos a experimentar a transformação do coração e uma nova maneira de ver. A consequência é a vida nova do discípulo de Cristo, capaz de reconhecer a presença do Reino de Deus na vida de todos os dias. Acolhamos agora a bênção divina e caminhemos à luz de Cristo.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene própria da Quaresma (*Missal Romano*, 556).



RESULTADO DOS APOIOS
ATRIBUÍDOS PELO FUNDO

“PARTILHAR COM ESPERANÇA”

Ano 2015

Valor entregue:

59.176,27 €

- Famílias apoiadas: **237**
- Apoio por família (valor médio): **250 €**
- Pessoas apoiadas: **587**
- Apoio por pessoa (valor médio): **101 €**
- **Rendas** (é a grande maioria): aproximadamente 85% do valor
- **Medicação, situações médicas, água, luz, outros:** 15%

DE ABRIL DE 2011
A DEZEMBRO DE 2015

Valor entregue:

283.358,67 €

- Famílias apoiadas: **979**
- Apoio por família (valor médio): **290 €**
- Pessoas apoiadas: **2648**
- Apoio por pessoa (valor médio): **107 €**

“PARTILHAR COM ESPERANÇA” A RENÚNCIA QUARESMA

A Comissão Arquidiocesana da Pastoral Social e Mobilidade convida todos a serem “missionários da misericórdia”, destinando a renúncia quaresmal ao Fundo “Partilhar com Esperança”. Através da renúncia ao “supérfluo ou desnecessário”, é incentivada a partilha com “os de perto e os de longe”. Ao

diocese de Pemba, em Moçambique. “Percorrido este tempo, chegamos a uma nova Quaresma, na qual a conversão do coração impele a olhar o rosto do irmão dividindo o que é nosso com os outros. Aqui se insere a tradição cristã da renúncia quaresmal”, refere a Comissão



longo deste ano, uma parte da verba do “Partilhar com Esperança” destina-se à ajuda aos refugiados, nomeadamente na estratégia do PAR - linha da frente, apoiando os refugiados nos países de origem, através de contacto e protocolo a ser estabelecido pelo Arcebispo D. Jorge Ortiga com uma diocese desses países. A restante parte do Fundo destina-se às diversas iniciativas que envolvem a cooperação com a

Arquidiocesana da Pastoral Social e Mobilidade. O Fundo “Partilhar com Esperança” partiu da “solicitude caritativa da Arquidiocese de Braga para com os necessitados”, no contexto do desenrolar da crise. O Fundo constituiu-se no Conselho Presbiteral do final de 2010, com “a partilha do Povo de Deus, tendo começado com a partilha dos sacerdotes”.

AGENDA

13.02.2016

EUCARISTIA JUBILAR DOS CATEQUISTAS

17h30 / Basílica de S. Pedro,
Guimarães

VISITA GUIADA “DUAS IGREJAS DE BRAGA: TERCEIROS E LAPA”

10h00 / Igreja dos Terceiros
e Igreja da Lapa

18.02.2016

UM ESCRITOR ENTRE NÓS ENCONTRO COM VALTER HUGO MÃE E A OBRA

21h30 / Biblioteca Lúcio
Craveiro da Silva



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana,
D. Nuno Almeida, Bispo Auxiliar de Braga.



Faça um Like

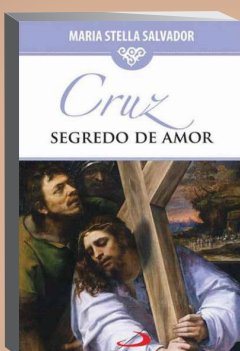


Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da
Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo
Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



MARIA STELLA
SALVADOR

**CRUZ,
SEGREDO
DE AMOR**

A autora propõe-nos uma meditação que acompanha o caminho da cruz de Cristo através de elementos essenciais à nossa fé. “Temos neste livro várias meditações sobre a via-sacra. São sempre aspetos diferentes para enriquecerem a nossa compreensão da Paixão do Senhor. Mas esta compreensão não pode ser somente um conhecimento mais intelectual do acontecimento histórico. Devemos compreender com o nosso coração, e isso significa pedir perdão pelos nossos pecados, porque foram eles que causaram as dores de Jesus”, escreveu o Pe. Paulus Seeanner no prefácio.

PVP
€16,90

10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 11 a 18 de Fevereiro de 2016.